

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
RÁDIO, TV E INTERNET

Isabelle de Freitas Veras Cruz

“Jesus é o dono do lugar”: Uma análise semiótica da evolução dos murais narcopentecostais

Juiz de Fora

2025

Isabelle de Freitas Veras Cruz

“Jesus é o dono do lugar”:

Uma análise semiótica da evolução dos murais narcopentecostais

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de
Rádio, TV e Internet da Universidade Federal
de Juiz de Fora como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Rádio, TV e Internet.

Professora orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vitorio

Professor coorientador: Prof. Dr. Pedro Atã

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Freitas Veras Cruz, Isabelle.

“Jesus é o dono do lugar” : Uma análise semiótica da evolução os murais narcopentecostais / Isabelle de Freitas Veras Cruz. -- 2026.

51 p. : il.

Orientadora: Ana Paula Vitorio

Coorientador: Pedro Atã Ribeiro Pinto

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2026.

1. Semiótica. 2. Comunicação visual. 3. Narcopentecostalismo. 4. Terceiro Comando Puro. 5. Mural urbano. I. Vitorio, Ana Paula, orient. II. Atã Ribeiro Pinto, Pedro, coorient. III. Título.

Isabelle de Freitas Veras Cruz

“Jesus é o dono do lugar”:

Uma análise semiótica da evolução dos murais narcopentecostais

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Rádio, TV e Internet.

Aprovada em 16 de julho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Ana Paula Vitorio - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Pedro Atã Ribeiro Pinto - Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Henrique Tavares Dias Perissinotto
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Dra. Fernanda Ribeiro de Salvo
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho representa a superação do maior desafio da minha jornada acadêmica. Foi preciso muita dedicação e resiliência, mas isso não seria possível sem algumas pessoas ao meu lado.

Aos professores Dra. Ana Vitorio e Dr. Pedro Atã, que, mesmo diante das dificuldades que surgiram pelo caminho, incentivaram e acreditaram na minha ideia — muitas vezes, bem mais do que eu mesma. Obrigada pela paciência, pelas críticas construtivas e por me guiarem com tanta maestria.

Aos meus pais, Jaqueline Veras Cruz e Rogério Veras Cruz, que acreditaram desde o início no meu sonho de cursar uma faculdade pública e de qualidade. Vocês me suportaram em amor, me ampararam financeiramente e foram a base que não me deixou desistir durante as fases mais difíceis e exaustivas dessa caminhada. Esta conquista é nossa.

À minha irmã, Rafaelle Veras Cruz, minha maior inspiração de autenticidade, criatividade e leveza. Completo essa etapa por mim, mas também para mostrar a você que sim, é possível alcançar o que tanto almejamos.

Aos amigos que fiz no caminho, Ana Martins, Gabriel Rodrigues, Gustavo Fernandes e Lucas Marques. A companhia de vocês tornou a faculdade mais leve e divertida. Vocês transformaram a rotina acadêmica em memórias felizes.

Às minhas amigas, Isabelly Messias, Nayane Silva e Thabitta Novais, que sempre me lembravam da minha capacidade em concluir ciclos. Vocês foram meu porto seguro nos períodos angustiantes.

Agradeço, de modo geral, a todos que, de alguma forma, deixaram uma marca neste período de escrita. Cada conversa, amparo ou palavra de apoio trouxe um aprendizado importante, mesmo que indiretamente.

Por fim, agradeço a Deus, dono dos meus dias e de todos os meus anseios. Sem a Sua força e o Seu direcionamento, nada disso estaria acontecendo. A Deus, toda a glória.

“As redes religiosas atuam como os principais agentes na diminuição da vulnerabilidade social e na sensação de insegurança. Elas exercem papel fundamental no processo de novas experimentações religiosas e na amenização da invisibilidade em favelas e periferias urbanas [...] E a relativização das fronteiras, outrora bem estabelecidas, possibilita a aproximação dos traficantes [...] aos evangélicos.”
(Costa, 2023, p. 53)

RESUMO

O presente trabalho analisa a linguagem de comunicação visual em espaço urbano empregada pela facção Terceiro Comando Puro (TCP) no Rio de Janeiro, investigando como o fenômeno do narcopentecostalismo mobiliza signos religiosos para legitimar estratégias de controle territorial. A partir do referencial teórico da semiótica de Charles S. Peirce, propõe-se a análise de cinco murais retirados do livro “Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus”, de Viviane Costa (2023). Os objetos foram escolhidos por sua diversidade ilustrativa e textual, explorando diferentes intervenções artísticas — da estética monumental de inspiração bíblica à apropriação de elementos lúdicos e à reprodução espontânea em pichações. O estudo demonstra que tais intervenções não constituem elementos decorativos, mas mecanismos que compõem uma gramática de poder, que busca reconfigurar o cotidiano e naturalizar a presença armada através da retórica do sagrado. Conclui-se que a apropriação de signos pentecostais funciona como uma estratégia de governança, onde a linguagem religiosa busca validar e impor o controle territorial e as normas de conduta.

Palavras-chave: Narcopentecostalismo; Semiótica; Comunicação visual; Terceiro Comando Puro; Mural urbano.

ABSTRACT

This work analyzes the visual communication language in urban space employed by the Terceiro Comando Puro (TCP) faction in Rio de Janeiro, investigating how the phenomenon of narcopentecostalism mobilizes religious signs to legitimize territorial control strategies. Drawing on Charles S. Peirce's semiotic theoretical framework, the analysis focuses on five murals taken from the book "Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus" [Evangelical Traffickers: Who They Are and Whom the New Bandits of God Serve], by Viviane Costa (2023). The murals were chosen for their visual and textual diversity, exploring different artistic interventions — from a monumental aesthetic inspired by biblical imagery to the appropriation of playful elements and the spontaneous reproduction found in graffiti. The study demonstrates that such interventions are not merely decorative elements, but mechanisms that make up a grammar of power, seeking to reconfigure everyday life and naturalize armed presence through the rhetoric of the sacred. It concludes that the appropriation of pentecostal signs functions as a governance strategy, in which religious language seeks to validate and impose territorial control and codes of conduct.

Keywords: Narcopentecostalism; Semiotics; Visual Communication; Terceiro Comando Puro; Urban mural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	17
Figura 2	18
Figura 3	20
Figura 4	30
Figura 5	31
Figura 6	34
Figura 7	38
Figura 8	40
Figura 9	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NARCOPENTECOSTALISMO: ENTRE O DISCURSO TEOLÓGICO E A PRÁTICA TERRITORIAL	14
3 METODOLOGIA	23
4 ANÁLISE	26
4.1 INTRODUÇÃO	26
4.2 MURAI DE ACARÍ	28
4.2.1 CONCLUSÃO SOBRE OS MURAI DE ACARÍ	36
4.3 MURAI DO “PEIXÃO”	37
4.3.1 CONCLUSÕES SOBRE OS MURAI DO PEIXÃO	41
4.4 MURAL DE PICHANÇA	42
4.5 CONCLUSÃO	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

No início dos anos 2000, o Brasil presenciou o crescimento expressivo das igrejas evangélicas no território nacional, incluindo diferentes estratos sociais e demográficos, e com uma presença expressiva nas periferias urbanas. Com essa ascensão, tais instituições passaram a influenciar diretamente a vida social, cultural e moral dessas comunidades. Segundo Christina Vital da Cunha (2021), as igrejas evangélicas reforçam uma ruptura cultural e ética, uma vez que faz parte de sua teologia instruir os convertidos a romperem com o “mundo” — isto é, a abandonarem práticas consideradas pecaminosas aos olhos da fé. Esse compromisso é fortemente associado à Teologia do Domínio, presente em congregações pentecostais, que estimula uma batalha espiritual constante contra os males.

No artigo intitulado "Teologias do Domínio: Revisitando Fontes e Autorias", Tiago de Melo Novais e Breno Martins Campos (2021) analisam esse fenômeno, destacando que este pode ser compreendido através de duas vertentes principais que buscam o controle social e político para o estabelecimento de uma civilização cristã. Embora os autores descrevam tanto o Teonomismo Reconstrucionista quanto a Teologia dos 7 Montes (7M), este estudo focará na vertente pentecostal, representada pela 7M.

Conforme apontam Novais e Campos (2021), a essência da 7M reside na compreensão de que a vontade divina para a Igreja é o domínio sobre sete esferas específicas da sociedade, conhecidas como "montanhas" ou pilares culturais: família, religião, educação, governo, mídia, arte e economia. Essa teologia fundamenta-se em uma hermenêutica bíblica baseada em revelações proféticas, visões e batalhas espirituais. Segundo essa perspectiva, cada "monte" social estaria sob o controle de forças malignas específicas que precisam ser derrotadas por meio de esforços espirituais para que os cristãos possam assumir posições estratégicas de influência.

Essa expansão do campo religioso reflete intensas transformações na estrutura social e cultural do Brasil. A dimensão dessa ascensão é evidente ao analisarmos a progressão do segmento:

Os evangélicos saltaram de 6,6%, em 1980, para 22,2% da população, em 2010. Em números absolutos, esse crescimento se revela ainda mais impressionante: de 7,9 milhões, em 1980, os evangélicos são agora 42,3 milhões - um avanço próximo a 540% em três décadas (Costa, 2023, p. 43).

A partir desse recorte, a autora acrescenta que o crescimento nas periferias é marcado pela precariedade socioeconômica e pela ausência do Estado; pesquisas demográficas reiteram que os evangélicos pentecostais são, em sua maioria, indivíduos de menor renda per capita, alcançando cerca de 63% dos fiéis. Nesse cenário, “a periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro lidera o processo de transição e permite compreender alguns aspectos da dinâmica evangélica e pentecostal” (Costa, 2023, p. 49).

Na obra "Oração de Traficante: uma etnografia" (Cunha, 2015), a autora permite mapear a atuação de lideranças do crime organizado que, na década de 1990 no Complexo de Acari, iniciaram um processo de transformação na gestão do tráfico sob o Terceiro Comando Puro (TCP). Sob a liderança do traficante local "Jeremias", nome fictício dado pela autora, imagens e intervenções de outras religiões espalhadas pela favela foram substituídas por símbolos evangélicos.

Esse modelo de governança territorial não se restringiu a Acari, consolidando-se posteriormente no Complexo de Israel sob o comando de Álvaro Malaquias Santa Rosa, o "Peixão". Conforme aponta Cunha (2021) e Costa (2023), a conversão de lideranças do TCP ao evangelicalismo não alterou apenas a moralidade cotidiana ou o comércio local, mas estabeleceu uma nova gramática de poder. O uso de símbolos como a estrela de Davi, frases de domínio e intervenções urbanas reflete a instrumentalização do pentecostalismo como uma ferramenta de gestão política e de poder.

Dessa forma, o que inicialmente surgia como um movimento de fé, transformou-se em um sistema de comunicação visual e de controle social. Os murais, financiados ou incentivados pela facção, atuam hoje como mecanismos que demarcam a soberania do Terceiro Comando Puro, utilizando a linguagem religiosa para justificar o domínio sobre o território e a exclusão de práticas consideradas contrárias à nova ordem estabelecida. A autora Viviane Costa, em seu livro “Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus” (2023), apresenta alguns exemplos de manifestações simbólicas evangélicas inseridas ou financiadas pelo TCP em diferentes locais onde a facção opera.

Frente a esse panorama, a presente pesquisa busca compreender, sob a lente da semiótica, como os signos evangélicos são usados como elementos em construções argumentativas visuais que reforçam o poder territorial e ideológico da facção, nem sempre de forma explícita. Entende-se tal dinâmica como uma das principais ações do fenômeno do narcopentecostalismo — termo consagrado pela mídia para descrever a interação entre o pentecostalismo e o tráfico de drogas, e que será desdobrado ao longo deste estudo.

Para este trabalho, usaremos a Gramática Especulativa de C. S. Peirce para analisar cinco murais localizados em áreas dominadas pela facção, a partir de fotografias presentes no livro de Costa (2023). Em um contexto de periferia, onde a presença do Estado é frequentemente sentida apenas por meio da violência policial ou da ausência de serviços básicos, as igrejas pentecostais preencheram esse vácuo ao se materializar fisicamente no território. Essa ocupação não se limita aos templos, que são espaços fechados e restritos ao momento do culto; ela se expande no modo de vestir, falar, fachadas comerciais ou muros, transformando a paisagem urbana em um texto constante, lido e relido cotidianamente pelo morador. Nesse cenário, o crime organizado também se projeta na paisagem urbana, instrumentalizando signos pentecostais como ferramenta de domínio territorial — estratégia que será detalhada na análise das imagens a seguir.

A Gramática Especulativa é uma das subdivisões da Semiótica, e se dedica a analisar quais são as partes componentes de um signo e como elas se articulam para formar uma mensagem completa (um “argumento”) (Nöth; Santaella, 2021). A partir da análise do retrato dessas expressões, buscamos entender como tais signos podem ser instrumentalizados para fortalecer o discurso de domínio sobre outras facções, religiões e impor ativamente suas crenças na comunidade.

Este Trabalho de Conclusão de Curso originou-se do interesse em compreender a influência das narrativas pentecostais na sociedade brasileira, sobretudo nas periferias urbanas, haja vista o crescimento quantitativo nas últimas décadas. O direcionamento para o objeto de estudo, nasceu após a participação da autora em um culto de uma igreja pentecostal localizada na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Na ocasião, o pastor da congregação relatou sobre a relação entre a igreja e o mundo do crime.

Segundo o pastor, era comum que antigos frequentadores da igreja e afiliados ao tráfico de drogas pedissem oração. O pastor complementou que esses mesmos jovens também informavam quando era seguro, ou não, realizar os cultos. Dado que a igreja ficava em um local onde era comum confrontos entre policiais e traficantes locais ou entre os traficantes locais e uma facção rival.

Esse relato serviu como catalisador para o presente estudo, ao revelar a complexidade das intersecções entre o sagrado e o profano em territórios periféricos. A trajetória da autora, profundamente marcada pelo pertencimento a denominações pentecostais desde a infância, forneceu uma lente para observar tal instituição. Mais do que um espaço litúrgico, a igreja apresenta-se, nas periferias urbanas, como um núcleo de estruturação social, atuando como um ponto de apoio indispensável em contextos de precariedade assistencial.

Sempre foi evidente o papel dessas congregações na propagação de ações de evangelismo e no suporte cotidiano às famílias necessitadas.

Entretanto, essa vivência também revelou as contradições inerentes a esses territórios. Acompanhou-se, por meio de observações diretas e trajetórias compartilhadas, o processo onde jovens frequentadores das mesmas congregações, ao alcançarem a adolescência, inseriam-se na criminalidade, enquanto as orações das mães buscavam, com fé inabalável, a libertação de seus filhos. Foi o contraste entre o acolhimento espiritual da igreja e a realidade da ascensão de grupos armados que suscitou a problemática central deste estudo: de que maneira o repertório simbólico do pentecostalismo, associado a preceitos de paz, amor e salvação, é apropriado e ressignificado por grupos armados?

A busca por compreender essa apropriação simbólica — que instrumentaliza o sagrado para legitimar estratégias de domínio territorial — não apenas justifica a escolha deste objeto, mas define o recorte semiótico necessário para analisar como o discurso religioso é convertido em norma de conduta e instrumento de poder na paisagem urbana.

Ao abordar esse fenômeno sob a ótica da comunicação e da religião, esta pesquisa busca analisar o narcopentecostalismo a partir das lentes da semiótica. O estudo se debruça sobre um conjunto específico de murais produzidos ou financiados pelo Terceiro Comando Puro. A investigação desses registros visuais, atravessada por temas como intolerância religiosa, diversidade cultural e segurança pública, permite compreender como a linguagem visual atua como um dos operadores das transformações socioculturais e das dinâmicas de poder nas periferias cariocas.

Nesse sentido, o objetivo central deste trabalho consiste em decompor os elementos constituintes de cada mural, investigando a articulação lógica de suas mensagens. Busca-se compreender, de forma detalhada, como tais signos se organizam para estruturar um argumento visual, analisando a sinergia entre elementos verbais e icônicos na conformação de uma retórica que, sob a chancela do sagrado, podem legitimar a soberania e o domínio territorial da facção.

2 NARCOPENTECOSTALISMO: ENTRE O DISCURSO TEOLÓGICO E A PRÁTICA TERRITORIAL

O narcopentecostalismo é um fenômeno cultural, religioso e comunicacional especialmente presente nas favelas do Rio de Janeiro. Os estudos de Christina Vital da Cunha (2014, 2015 e 2021), são fundamentais para entender o esse fenômeno em face de dinâmicas sociais e do crime nas periferias cariocas entre as décadas de 1980, 1990 e 2000. Cunha descreve como o crescimento do pentecostalismo está diretamente relacionado à vulnerabilidade das populações locais e ao sentimento de abandono pelo poder público. Nessas circunstâncias, as igrejas pentecostais muitas vezes ocupam espaços deixados pelo Estado, oferecendo apoio material, emocional e simbólico às comunidades.

Ao investigar esse fenômeno, identificamos que pentecostalismo é um campo marcado pela diversidade (Cunha, 2008). Por isso, este trabalho não se propõe a delimitar linhas teológicas específicas e nem identificar quais igrejas integram o movimento pentecostal.

No artigo “Cultura pentecostal em periferias cariocas: grafites e agenciamentos políticos nacionais” (2021), a autora mostra que as igrejas pentecostais são responsáveis pelas mudanças na “[...] sociabilidade, economia, estética, política, nas paisagens e na gramática, articulada cotidianamente por seus moradores, sejam eles vinculadas ou não a institucionalidade evangélica pentecostal” (p. 82). No decorrer da pesquisa e através de publicações jornalísticas das grandes mídias, entendemos que o movimento pentecostal também alcançou e tem sua relevância no mundo do crime, funcionando principalmente como elemento de legitimação ideológica do domínio territorial de líderes faccionados.

Viviane Costa (2023) também contribui com a pesquisa ao escrever sobre o narcopentecostalismo. Segundo a autora, por causa desse contexto local, “os moradores, trabalhadores e bandidos constroem sua própria realidade” (2023, p. 64). Por meio disso, os integrantes da comunidade criam personagens importantes para o contexto social do local. Essa interação, em sua maioria, resulta em uma “rede de múltipla proteção e afeto” (2023, p. 69). Em paralelo, Ferreira e Baptista (2020) escrevem como o termo narcopentecostalismo foi difundido principalmente por meios de comunicação.

Surge, assim, a necessidade de exercer o poder sobre o outro, o que se efetiva construindo uma identidade híbrida e marginal, que a etiqueta discursiva “narcopentecostal” materializa. Essa etiqueta carrega em si uma significativa mudança histórica, reveladora do modo como a mídia jornalística focaliza eventos

antes silenciados por ela. Dessa forma, a enunciabilidade da etiqueta “narcopentecostal” emerge de condições sócio-históricas e culturais específicas, decorrentes de uma nova demanda das mídias jornalísticas. (Ferreira; Baptista, 2020, p. 13)

O conceito de Teologia do Domínio (Novais; Campos, 2021) abarca um conjunto de correntes teológicas que, embora se diferenciam em suas abordagens hermenêuticas, convergem para um imperativo comum: a responsabilidade cristã de exercer influência, ou mesmo controle, sobre as esferas sociais e políticas. Para essas vertentes, a tarefa do fiel no mundo não se limita à salvação individual, mas estende-se à conquista de espaços públicos — como a família, o governo, a mídia e a economia — como parte do estabelecimento de uma ordem civilizatória pautada pela interpretação bíblica.

No campo pentecostal, essa perspectiva é frequentemente articulada por meio da chamada 'Teologia dos 7 Montes' (7M). Esta vertente propõe um mapeamento da sociedade em esferas de influência que, sob a ótica de uma batalha espiritual contra potestades malignas, devem ser ocupadas por cristãos. Nesse modelo, a aplicação do mandamento bíblico transcende a evangelização tradicional, transformando o domínio de espaços geográficos e institucionais em um propósito escatológico (Guillen, 2009). Assim, a Teologia do Domínio fornece o arcabouço ideológico necessário para que grupos religiosos — e, no contexto desta pesquisa, atores inseridos no fenômeno narcopentecostal — identifiquem territórios como extensões de seu projeto de poder, legitimando a ocupação e a supressão de práticas dissonantes sob a justificativa de uma soberania divina inquestionável.

[...] para ocorrer o domínio das esferas, é preciso lutar contra potestades malignas específicas que operam em cada uma das esferas. Nessa lógica, os espíritos malignos são derrotados exclusivamente pelos esforços da batalha espiritual. (Novais; Campos, 2021, p. 33)

Assim, a narcorrelição emerge como uma experiência de fé dinâmica, cuja capilaridade popular se justifica pela sua capacidade de ressoar nos contextos de pobreza e violência. Ela deixa de ser apenas uma crença abstrata para se tornar um elemento estruturante da sociabilidade periférica, moldando-se conforme as necessidades e desafios impostos pelo ambiente local.

Outro ensino muito influente é a Teologia da Prosperidade (Mariano, 1996), diferente do ascetismo de rejeição ao mundo que caracterizou o pentecostalismo clássico de primeira onda, esta vertente teológica estabelece uma correlação direta entre a vivência da fé e a obtenção de sucesso terreno. Nesse paradigma, a prática religiosa é instrumentalizada como

uma via para a conquista de bem-estar, saúde e estabilidade financeira. A prosperidade deixa de ser apenas uma possibilidade futura para tornar-se uma promessa presente e tangível, onde a vitória individual e o êxito nos empreendimentos são interpretados como sinais inequívocos do favor divino. Esse discurso triunfalista, ao pregar a felicidade e a saúde como direitos inalienáveis do fiel, rompe com a ética de renúncia anteriormente defendida, aproximando a doutrina pentecostal das aspirações de consumo e ascensão social presentes na contemporaneidade. Cujos ensinamentos indicam que o fiel será “próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos” (Mariano, 2004, p. 123).

Um exemplo claro da aplicação dessas teologias é o Corinho de Fogo, estilo musical recorrente em cultos pentecostais e com um importante papel litúrgico durante o culto. Essas canções são caracterizadas pela popularidade e pela facilidade de execução; devido à melodia e letra simples, os corinhos podem ser acompanhados apenas por um pandeiro, o que favorece sua utilização em igrejas de menor estrutura. Abaixo, apresenta-se um exemplo da composição do cantor Edivaldo do Rio (1997):

Essa é a noite da tua vitória / Vem descendo agora o anjo lá da glória / Se você orou e Deus te prometeu / Abre a tua boca agora e glorifica a Deus // Jesus, cavaleiro do céu / Nunca perde a peleja no campo de batalha / Jesus, cavaleiro do céu / Nunca perde a peleja no campo de batalha // Ele venceu a serpente perigosa / E as nações viram Seu grande poder / Toda glória a Jesus, o nazareno / Toda glória ao Lírio dos vales.

Nessa canção, é possível identificar pilares fundamentais da Teologia da Prosperidade e da Teologia do Domínio, operando em uma sintonia direta com a realidade do território. A afirmação de que “essa é a noite da sua vitória” e a exaltação de Jesus como um cavaleiro que “nunca perde uma peleja” transcendem o sentido meramente litúrgico, funcionando como uma alegoria da própria existência no contexto do conflito urbano. A representação de Cristo como um guerreiro que “venceu a serpente perigosa” não apenas ilustra o dualismo clássico entre o bem e o mal, mas fundamenta o discurso de 'batalha espiritual' inerente à Teologia do Domínio; ao retratar a vida como um campo de batalha perpétuo, a letra valida a necessidade do fiel — e, por extensão, do morador sob a égide da facção — de estar sempre preparado para o combate. A partir dessa canção, é possível compreender a reflexão de Cunha acerca da aceitação dos evangélicos diante da vontade divina:

Ser evangélico possibilita, nesse contexto, ressignificar fatos e compreender, da perspectiva de todos que se associam aos evangélicos, que a proteção divina de que

dispunham parecia mais forte que qualquer ameaça. Mas ainda, ser evangélico permitia perceber que mesmo as situações de adversidade e risco extremo têm ligação com o plano transcendente e, por isso, podem ser aceitas como vontade divina ou reprimidas com a força do nome de Jesus (Cunha, 2015, p. 413).

O crescimento do evangelicalismo, especialmente através de seu discurso triunfalista, não se limita a estratos vulneráveis, alcançando de forma expressiva diferentes classes sociais que buscam amparo e sentido diante das incertezas da contemporaneidade. Contudo, ao observar a materialização desse fenômeno nas periferias urbanas, nota-se que suas interações com a realidade cotidiana adquirem contornos singulares. Nessas localidades, a fronteira entre as ações prescritas pela doutrina bíblica e as exigências da sobrevivência local torna-se mais fluida. Inicia-se um processo de diminuição dessas barreiras, permitindo um diálogo híbrido entre a fé e o crime, que fomenta e consolida o fenômeno narcopentecostal.

2.1 A EVOLUÇÃO DO FENÔMENO NARCOPENTECOSTAL

Para contextualizar a evolução do fenômeno narcopentecostal, propomos uma reconstrução cronológica de seu desenvolvimento, fundamentada nas narrativas etnográficas de Cunha (2015) e Costa (2023). Essa cronologia é baseada na memória dos moradores, acessadas através de entrevistas das autoras, que não busca estabelecer datas definitivas e que pode apresentar variações em relação aos registros jornalísticos atuais. O objetivo aqui é mapear a sucessão de transformações que moldaram o cenário periférico, permitindo a compreensão do processo de apropriação simbólica, e oferecendo o contexto necessário para a análise das intervenções visuais que compõem o objeto deste trabalho.

Cunha (2015) apresenta os principais traficantes que comandavam o Complexo de Acari. Naquele período, o poder não era unificado, existindo diferentes líderes em distintas áreas do complexo. Entre as décadas de 1970 e o início de 1990, esses líderes eram identificados como “traficantes reis” (CUNHA, 2015, p. 297). O apelido refletia o apreço dos moradores, justificado pela atuação dessas lideranças na garantia de uma justiça local e pela semelhança religiosa entre eles e a comunidade.

Durante as décadas de 1980 e 1990, os traficantes de Acari e de outras favelas da cidade se identicavam (e eram identificados socialmente) com religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé, cujos lugares de culto eram abundantes nessas localidades. (Cunha, 2015, p. 324).

O repertório religioso desses chefes do tráfico era marcado por um sincretismo entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, nas quais São Jorge (sincretizado como Ogum na umbanda) exercia um papel central. Essa devoção não se limitava ao campo das crenças, sendo tornada visível nos corpos dos criminosos, que utilizavam tatuagens e guias como elementos rituais de consagração e busca por amparo divino.

Um exemplo dessa integração religiosa ao cotidiano da comunidade, é a Estátua de São Jorge na Associação de Moradores.

Figura 1



Estátua de São Jorge na Associação de Moradores do Parque Acari, 1996.

Fonte: COSTA, 2023, p. 67.

A devoção desses traficantes às religiões apresentadas não se limitava ao reconhecimento pela própria comunidade. Como estratégia de embate, facções rivais recorriam a ataques simbólicos, destruindo imagens de entidades de Umbanda vinculadas às lideranças locais. Tal prática, conforme aponta Cunha, funcionava como um dispositivo de

sinalização, demonstrando “que uma nova liderança, com uma nova ordem, estava se estabelecendo no local” (Cunha, 2015, p. 326).

Costa (2023) aponta que a ocupação policial, resultante da prisão ou morte dos “traficantes reis”, atuou como um catalisador para a propagação do pentecostalismo nas periferias. Durante a atuação desses agentes nas favelas, a destruição de símbolos e intervenções ligadas a religiões de matriz africana tornou-se recorrente. Considerando que as antigas lideranças do tráfico mantinham vínculos com tais tradições, a atuação policial ultrapassava o combate ao crime, configurando-se também como uma represália contra os referenciais culturais e simbólicos daquela população.

Jeremias (nome fictício dado por Cunha), que assumiu o comando do tráfico na década de 1990 no Complexo de Acari, foi considerado, à época, o principal responsável por mudanças na comunidade. Sob sua liderança, imagens de outras religiões espalhadas pela favela foram substituídas por murais com símbolos evangélicos. Dessa forma, o que antes era caracterizado por uma ruptura entre a vida evangélica e mundana passa a permitir um diálogo entre ideias opostas, estabelecendo uma interseção entre a fé e o mundo do crime. A seguir, apresenta-se um exemplo dessa prática, na qual o tráfico financiou a substituição da estátua de São Jorge por um outdoor com o texto “Jesus é o Senhor deste lugar”.

Figura 2



Outdoor na Associação de Moradores do Parque Acari, 2006, com a frase: “Jesus é o Senhor deste lugar”.

Fonte: COSTA, 2023, p. 128.

Jeremias também implementou a “doutrina da tranquilidade” (Cunha, 2015, p.391). Após entrevistar um traficante de Acari, a autora relata que essa doutrina visava evitar represálias na relação entre traficantes e policiais, garantindo, assim, maior segurança para a comunidade. A conversão de Jeremias é considerada pela autora como o marco inaugural do fenômeno dos denominados traficantes evangélicos.

Este fenômeno não se restringiu ao Complexo de Acari, anos mais tarde, Álvaro Malaquias Santa Rosa, ou “Peixão”, e atual chefe do Terceiro Comando Puro, se converte ao evangelicalismo (Cunha, 2021). Peixão é responsável pelo Complexo de Israel, um conjunto de favelas no Rio de Janeiro: Parada de Lucas, Vigário Geral, Cidade Alta, Cinco Bocas e Pica-Pau. De acordo com um áudio divulgado pelo SBT News (2025), o líder da facção atribui suas vitórias ao Deus de Israel: “Que a partir de agora e para sempre a Cidade Alta é Terceiro Comando Puro, bonde do estaca bala, o exército do Deus vivo, entendeu? Lá de Israel.”

Após sua conversão e sendo chefe do tráfico, Peixão também inseriu mudanças na gestão do comércio, na esfera econômica e política do Complexo, sob uma justificativa religiosa. Ademais, manifestações religiosas diversas, como católicas e de matriz africana, passaram a ser perseguidas na comunidade. A autora Costa traz em seu livro “Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus” (2023), alguns exemplos de manifestações simbólicas evangélicas inseridas ou financiadas pelo TCP (Terceiro Comando Puro) em diferentes locais onde a facção opera.

Para os traficantes, certos valores morais atrelados ao pentecostalismo tornaram-se um código comum. Com o intuito de fortalecer essa perspectiva, eles ocupam a paisagem da favela com símbolos que reforçam seus compromissos. Abaixo, observa-se a bandeira de Israel hasteada em um dos bairros do complexo; a apropriação desse símbolo pelos integrantes da facção visa comunicar que fazem parte de um exército de Deus — conforme indicado no áudio mencionado —, como se um poder divino legitimasse as ações dos traficantes evangélicos.

Figura 3



Bandeira de Israel na Favela de Vigário Geral, na Zona Norte do Rio de Janeiro, 2020.

Fonte: COSTA, 2023, p. 143.

Segundo Costa (2023), moradores relatam que, ao assumir o domínio de um novo território, a facção distribui comunicados que oficializam a troca de comando. Nesses documentos, a retórica é estruturada sob a premissa de restituição, alegando que a comunidade está sendo devolvida aos seus moradores legítimos, contanto que se submetam, doravante, à administração estrita do Terceiro Comando Puro (TCP).

Essa governança, no entanto, é marcada por uma seletividade moral rigorosa, que se reflete diretamente na política de drogas da facção. Um exemplo de imposição de normas comportamentais é a proibição da venda de crack. Essa diretriz está materializada em uma faixa encontrada no morro da Serrinha, em Madureira (RJ), que traz a inscrição: “A comunidade da Serrinha não vende e nem apoia o crack. Só Jesus liberta das drogas”.

Diferente de grande parte do crime organizado carioca, que opera a venda de entorpecentes de forma indiscriminada, a gestão de Peixão institui uma proibição estrita ao comércio e ao consumo de crack. Essa diretriz é apresentada pela facção como um pilar de ordem e dignidade, contrastando com a prática de Costa (2023), que identifica Peixão como o

"rei da erva", devido ao investimento em cultivos de alta qualidade, notadamente o hidropônico.

Sob a perspectiva da autora deste trabalho, a contradição aparente entre a proibição do crack e a especialização no cultivo da maconha não é aleatória. É possível inferir que, dentro da cosmologia religiosa adotada pela facção, a cannabis é ressignificada não como entorpecente, mas como um elemento da natureza — uma planta dada por Deus. Essa interpretação permite que a facção classifique a erva como pura ou natural, diferenciando-a dos entorpecentes sintéticos ou do crack, este último frequentemente associado ao espírito da morte e à degradação absoluta da dignidade humana.

Nesse sentido, a ideologia da moralidade evangélica reflete-se nas ações do TCP não como um bloqueio absoluto ao crime, mas como um filtro de legitimação. O discurso religioso funciona, fundamentalmente, como um instrumento de governança: ao proibir o crack e justificar o cultivo da erva como algo natural, a facção constrói uma narrativa política que define quem é "do bem" e quem é "do mal" no território. O discurso evangélico, portanto, revela-se apenas um discurso — uma gramática de poder estratégica. Ele fornece a autoridade necessária para que a facção dite novas normas sociais e organize o espaço geográfico de forma a que a sua presença armada não seja lida como opressão, mas como a única alternativa para garantir a ordem, a proteção e a prosperidade da comunidade sob a chancela divina.

Ao sintetizar as premissas da Teologia do Domínio e da Teologia da Prosperidade, torna-se possível compreender a lógica estrutural que sustenta as intervenções visuais produzidas pelo Terceiro Comando Puro (TCP). A Teologia do Domínio, ao pregar a imperativa ocupação cristã das esferas sociais para a instauração de uma ordem divina, fornece ao crime organizado o arcabouço ideológico necessário para justificar a soberania territorial: a favela deixa de ser apenas um espaço geográfico de tráfico para ser interpretada como um monte a ser conquistado, onde a batalha espiritual legitima a supressão de práticas consideradas profanas e a imposição de uma jurisdição teocrática inquestionável.

Simultaneamente, a Teologia da Prosperidade atua como o dispositivo de validação desse domínio perante a comunidade. Nesta ótica, a ordem férrea, a ausência de tiroteios (promovida pelo controle da facção) e a proibição de substâncias degradantes, como o crack, são lidas pelo morador — sob a premissa de um discurso triunfalista — como sinais do favor divino e da prosperidade manifesta sobre o território. O sucesso militar e o controle do comércio são transpostos para o plano espiritual: se o lugar está sob a proteção de Jesus, ele é, conseqüentemente, um território abençoado e vitorioso.

Essas manifestações não apenas ocupam o espaço urbano, mas materializam o paralelo entre o sagrado e o cotidiano do crime, transformando muros e faixas em dispositivos de poder que organizam o imaginário coletivo. A seguir, esta discussão será aprofundada através da análise semiótica peirceana de cinco murais retirados do livro de Cunha (2023), compreendendo como tais signos não apenas comunicam uma mensagem religiosa, mas operam ativamente na construção ideológica de legitimação da soberania territorial, onde o discurso do sagrado funciona como a própria gramática que valida a prática da coerção.

3 METODOLOGIA

Para que seja possível analisar a densidade comunicacional dos murais narcopentecostais e os mecanismos pelos quais estes constroem sentido, a presente investigação fundamenta-se na semiótica de Charles S. Peirce. Conforme sistematizado por Lucia Santaella (2004), esta matriz teórica assenta-se sobre princípios fenomenológicos, lógicos e cognitivos, oferecendo o instrumental necessário para desvelar a complexa natureza dos signos. Sob este prisma, o conceito de signo expande-se, compreendendo qualquer elemento que represente algo distinto de si mesmo e que, no processo de significação, seja apto a produzir efeitos interpretativos em seu receptor.

[...] um signo é algo que se refere a algo diferente de si mesmo. Essa outra coisa é chamada de referente do signo ou, na terminologia da semiótica de Charles S. Peirce, o objeto do signo. O signo refere-se a, representa ou indica o seu objeto. Objetos de signos não são necessariamente “coisas”, quer dizer, objetos materiais (Nöth; Santaella, 2021, p. 14 e 15).

Segundo Nicolau (2010), todo evento cultural pode ser lido como um processo de comunicação que se utiliza de sistemas de linguagem para gerar sentido. O papel do indivíduo é central nesse processo, pois é através de sua relação com a linguagem que sinais puramente físicos se transformam em signos carregados de intenção e interpretação. Sendo assim, para entender o fenômeno narcopentecostal, analisaremos cinco imagens de murais em diferentes locais comandados pelo Terceiro Comando Puro, sendo essas imagens retiradas do livro “Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus” (2023).

A escolha destas imagens fundamenta-se na sua capacidade de demonstrar a pluralidade de estratégias comunicativas empregadas pela facção em diferentes contextos. Embora outras fontes pudessem ser utilizadas, como registros na internet ou notícias, optamos pelos murais catalogados na obra de referência por oferecerem um material diversificado, o que nos permite analisar variações nas escolhas estéticas e no uso de signos, identificando como diferentes abordagens visuais são mobilizadas para a ocupação simbólica do território, sem que isso implique em uma progressão linear ou hierárquica entre elas.

Dentre os diversos murais disponíveis, selecionamos aqueles que apresentaram alguma semelhança com elementos evangélicos. Esse critério foi adotado para possibilitar uma análise mais detalhada das intervenções, permitindo identificar quais elementos foram inspirados ou adaptados da cultura pentecostal.

Outro fator determinante para esta escolha é a semelhança estética que esses murais compartilham com as expressões pentecostais comuns, que ficou presente no dia a dia

da periferia após o crescimento do evangelicalismo. Para um observador externo e sem conhecimento prévio do contexto local, o mural, mesmo com semelhanças ao universo pentecostal, poderia passar despercebido como parte de uma narrativa criminal. Diferente de materiais jornalísticos, em que a imagem geralmente já vem acompanhada de uma interpretação pré-definida pelo veículo de comunicação, a análise direta dos murais permite um olhar mais focado em como diversos elementos visuais e textuais se combinam em uma estrutura argumentativa. Além disso, buscamos evitar imagens que pudessem estar associadas a discursos sensacionalistas, comuns em noticiários, garantindo uma análise mais centrada nos aspectos semióticos do objeto.

Com o material escolhido, faremos a análise a partir da Gramática Especulativa, também referida como “Gramática Pura” (Peirce, 2005, p.46), a primeira das três subdivisões da arquitetura da semiótica. Este ramo investiga três áreas fundamentais: a natureza do signo (sua estrutura triádica composta por signo, objeto e interpretante); sua tricotomia (a divisão nas categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade); e a classificação dos signos (como a tricotomia mais conhecida de classes, ícone, índice e símbolo). A escolha desta abordagem justifica-se pela necessidade de analisar as imagens não apenas como registros visuais, mas como processos funcionais de produção de sentido e legislação de poder no território.

O pilar central da análise reside na compreensão de que a ação do signo (semiose) não ocorre de modo isolado, constituindo-se, antes, em um processo que envolve três instâncias inseparáveis: 1) o signo (ou representamen), que corresponde à forma que a representação assume, seja ela uma imagem, palavra ou som; 2) o objeto, elemento ao qual o signo se refere ou que procura representar; e 3) o interpretante, que não se confunde com o receptor humano, mas consiste no efeito mental que emerge na mente de quem recebe a mensagem, funcionando como uma tradução do signo original.

Para analisar como o tráfico estabelece autoridade através da imagem, utiliza-se a distinção entre a lei e a sua ocorrência física. Para esse trabalho, utilizaremos apenas o legisigno e sinsigno. O legisigno é uma norma, regra ou padrão — como o conceito de “cachorro” presente em um dicionário, que é compartilhado coletivamente. Em contrapartida, o sinsigno é uma manifestação concreta e singular desse conceito em um tempo e espaço determinados. Por exemplo, ao escrever a palavra “cachorro” em uma folha de papel, estamos criando uma ocorrência específica ou réplica, ou seja, um sinsigno (Nöth; Santaella, 2021, p. 59).

Para compreender como o tráfico estabelece e legitima sua autoridade visual, recorreremos à classificação dos signos, que categoriza a relação entre signo e objeto em três modos distintos: o ícone, o índice e o símbolo. Essa tríade será fundamental para decompor as imagens dos murais, permitindo identificar não apenas o que as imagens representam por semelhança, mas também quais conexões físicas e convenções culturais conferem sentido à ocupação do território. O ícone opera por semelhança visual ou qualitativa; o índice se caracteriza por uma conexão física ou causal entre signo e referente, funcionando como um rastro; e o símbolo, opera por convenções sociais, normas ou leis, independentemente de qualquer vínculo físico ou similaridade.

Há dois tipos de objeto do signo, o objeto imediato e o objeto dinâmico:

O objeto imediato é o “objeto dentro do signo”, o objeto “como o signo mesmo o representa e cujo ser depende, portanto, da sua representação no próprio signo” (CP 4.536, 1905). Por estar dentro do signo, o objeto só pode ser imediato, aquele que é primeiramente apreendido, uma vez que o signo ou representamen é sempre um primeiro na relação triádica. Para que se possa compreender essa bipartição dos objetos e sua validade, temos que levar em consideração que o signo não teria nenhum poder de representar ou indicar o objeto fora dele, se, dentro do próprio signo, não existisse alguma forma, algum traço de correspondência com o objeto que ele intenta representar ou indicar. (Nöth; Santaella, 2021, p. 50).

O objeto dinâmico designa a realidade fática e externa ao signo, funcionando como o elemento motivador e determinante que precede a representação e que, independentemente de como é capturado pelo mural, constitui a própria base material. A utilização das categorias de objeto imediato e objeto dinâmico permite que a análise semiótica não se limite a uma descrição iconográfica dos murais, mas atue como uma lente analítica social. Essa distinção vai permitir compreender que, na dinâmica do narcopentecostalismo, o signo funciona como um mediador entre a promessa espiritual e a prática política da coerção, evidenciando como a fé é convertida em norma de conduta e instrumento de poder.

A metodologia conclui observando como o tráfico utiliza argumentos visuais para construir argumentos de legitimidade. Sendo assim, para esse trabalho utilizaremos silogismo para analisar os argumentos. Dessa forma, compreenderemos como o narcopentecostalismo elabora um signo capaz de evocar seu objeto, fortalecendo a ocupação territorial por meio de uma fundamentação teocrática.

Para operacionalizar esta investigação e transformar a teoria em ferramenta analítica, submeteremos cada um dos cinco murais selecionados a um procedimento de leitura estruturado em quatro etapas que se articulam de forma processual. Inicialmente, a análise partirá da contextualização e descrição da imagem, situando o mural em sua materialidade e

espacialidade para identificar os elementos visuais que compõem o primeiro contato do observador com a obra.

Em seguida, passaremos à decomposição do signo, distinguindo a norma cultural, ou legisigno, de sua aplicação singular no território, o sinsigno. Esse passo é fundamental para compreender como a norma pentecostal é capturada e replicada como uma ocorrência específica no contexto do controle territorial pelo tráfico.

Na sequência, examinaremos a dinâmica entre signo e objeto, diferenciando o objeto imediato — o que a imagem ostenta — do objeto dinâmico, que remete à realidade de coerção e poder que o signo tenta representar. Nesse estágio, a tríade peirceana composta por ícone, índice e símbolo será utilizada para verificar como a semelhança estética e as convenções sociais conferem sentido à ocupação, estabelecendo o mural como um rastro da hegemonia da facção.

Por fim, a análise focará no interpretante, examinando o efeito mental produzido e as proposições, explícitas ou implícitas, que o mural sustenta. Esse esforço culminará na interpretação da reunião desses elementos como um argumento de legitimidade, revelando a teocracia como silogismo visual de controle.

Ressalta-se que os resultados apresentados fundamentam-se em uma análise semiótica e no referencial teórico coletado. Como esta investigação não contou com imersão presencial no cotidiano da comunidade, aponta-se a limitação de não ser possível — e nem metodologicamente prudente — determinar com certeza absoluta as interpretações subjetivas dos moradores ao contemplarem esses murais. Sendo assim, fundamentada na análise semiótica, buscamos compreender qual o sentido dos signos religiosos presentes na relação entre o pentecostalismo e o narcotráfico

4 ANÁLISE

4.1 INTRODUÇÃO

As imagens analisadas neste trabalho foram retiradas da obra “Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus”, de Viviane Cunha (2023), que documenta as transformações socioculturais nas periferias, marcadas pela transição das religiões de matriz afro-brasileira e católica para o evangelicalismo. O livro apresenta como grupos vinculados ao tráfico de drogas se associaram à fé evangélica, exercendo influência direta na produção de murais que sintetizam expressões de religiosidade, manifestações de violência e estratégias de disputas territoriais em favelas do Rio de Janeiro.

Outro material utilizado para a contextualização dos murais é o artigo de Cunha (2021), intitulado "Cultura pentecostal em periferias cariocas: grafites e agenciamentos políticos nacionais". Neste texto, a autora analisa as vivências e a influência da cultura pentecostal na comunidade após o aumento significativo de igrejas evangélicas na periferia ao longo dos anos 2000. Com esse crescimento e em diálogo com a comunidade local, Cunha (2021) retrata uma "cultura pentecostal periférica", reforçando o diálogo entre a linguagem pentecostal e um *modus operandi* na favela. Desse modo, as intervenções artísticas, além de servirem como estética para o ambiente, produzem sentimentos diversos no seu receptor.

Vale pontuar que outros materiais, fundamentais para complementar as reflexões aqui apresentadas, serão incorporados no decorrer deste capítulo. Tais textos, contudo, já foram devidamente detalhados na seção dedicada à fundamentação teórica e ao levantamento bibliográfico.

Os murais apresentados destacam a transformação de uma crença em uma marcação de território e poder, um fenômeno de produção de sentido que evidencia a intervenção urbana como ferramenta de identificação faccional e demarcação territorial. Assim, os murais, enquanto arte que ocupa o espaço físico da comunidade, atuam como índice da relevância e do domínio do evangelicalismo. Sua existência na paisagem urbana estabelece uma relação de factualidade que indica a primazia do discurso religioso-criminal no coletivo local.

A disseminação desses murais e símbolos religiosos pelo território pode atuar como um código comunitário, permitindo que o observador acesse e reforce um conjunto de símbolos, heróis e histórias semelhantes, o que produz sentimentos e solidifica o senso de

pertencimento pentecostal-faccioso local. Por causa da situação socioeconômica, a favela constrói sua própria realidade, como ressalta Cunha:

Diante da massacrante realidade da favela, os moradores, trabalhadores e bandidos constroem sua própria realidade, assinalando passagens e criando personagens importantes em seu contexto social. Distante do que parece tradicional, elegem seus heróis e marginais.
(CUNHA, 2023, p. 64)

Para este trabalho, faremos uma análise gramatical (no sentido da “Gramática Especulativa” de C. S. Peirce) de cinco murais localizados em áreas dominadas pelo Terceiro Comando Puro, facção coordenada pelo Peixão e que utiliza o discurso evangélico em suas operações. Conforme apresentado por Santaella (2004), a Gramática Especulativa é a primeira das três subdivisões da arquitetura da semiótica. Este ramo investiga três áreas fundamentais: a natureza do signo (sua estrutura triádica composta por signo, objeto e interpretante); sua tricotomia (a divisão nas categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade); e a classificação dos signos (ícone, índice e símbolo).

As imagens foram categorizadas conforme a evolução da estratégia comunicativa dos murais ligados ao Terceiro Comando Puro. Essa produção visual acompanhou as transformações políticas e sociais da favela, atualizando-se para refletir o contexto local. As intervenções artísticas foram, assim, divididas em três categorias: 1) murais em Acari financiados pelo tráfico, caracterizados por uma estética visual que enfatiza a autoridade histórica das escrituras bíblicas (como o uso do pergaminho como elemento visual nos murais); 2) murais do Peixão, com identidade visual semelhante ao estilo grafite e jovial, além das letras estilizadas e representações de desenhos animados; e 3) mural simples, com a estética de pichações e traços rudimentares.

4.2 MURAI DE ACARÍ

O fenômeno das intervenções urbanas no Complexo de Acari pode ser analisado como um processo de transformação sógnica na paisagem periférica. Historicamente, as manifestações religiosas presentes na comunidade — como murais contendo imagens e textos relacionados a divindades do Candomblé e à Umbanda, além de monumentos e santuários para santos católicos — constituíam signos associados ao catolicismo e às religiões de matriz afro-brasileira.

Entre as décadas de 1970 e 1980, moradores e lideranças do narcotráfico local tinham uma rede de proteção mútua estabelecida. Naquele período, sob a denominação de Terceiro Puro, os chefes do tráfico eram referidos como "traficante rei", o que reforçava o vínculo entre entidades espirituais e o universo criminal. Disseminadas em murais ou tatuagens, essas religiões detinham expressiva representatividade na comunidade.

Christina Vital da Cunha relata que o processo de destruição de murais foi inicialmente realizado por policiais civis que ocuparam a favela na década de 90 (Cunha, 2016, p. 336)”. O Estado, na figura desses policiais, utilizava essa alteração simbólica como uma estratégia de pacificação, ressalta a autora. Além disso, parte das notícias abordavam o cotidiano da favela, associando ao tráfico, a "macumba" e o mal (Costa, 2023. p. 74.).

Simultaneamente à ocupação policial, ocorreu uma "ocupação evangélica" (Costa, 2023). Progressivamente, o cotidiano local, as festividades e o espaço público foram permeados pela proliferação de templos, citações bíblicas e estética pentecostal em estabelecimentos comerciais. Dessa forma, o modo de vida afro-católico da comunidade transformou-se em uma lógica de vivência pentecostal.

Com a retirada das forças policiais e o fortalecimento dos eventos citados, os traficantes adotaram essa mesma estratégia de controle semiótico para consolidar seu discurso de poder frente a facções rivais, alterando o tecido semiótico do espaço.

Após a retomada da favela e a conversão de “Jeremias”, a presença de evangélicos entre de os integrantes do TCP, no Complexo de Acari, se torna decisiva, anunciando que a manipulação de símbolos religiosos seguiria, até que todo o território se encontrasse dominado e identificado por seu santo de devoção, guerreiro e protetor.
(Costa, p. 130)

A partir de então, o próprio grupo criminoso passou a financiar artistas locais para a produção de murais com mensagens e temáticas bíblicas (CUNHA, 2021, p. 91), conforme serão detalhadas adiante.

Figura 4



Mural com inscrições bíblicas em Acari, onde antes existia uma pintura de Nossa Senhora Aparecida. Na imagem, o texto diz: “É verídico, o nosso santo é forte. Ele não precisa de vela, porém ele tem luz própria, acalma as maiores ondas do mar somente com seu olhar. Cura qualquer enfermidade. Expulsa qualquer tipo de espírito ruim; e até mesmo o espírito da morte. Ressuscitou no terceiro dia, ele é o único Deus vivo, ele é o santo de Israel... Jesus Cristo. Ass: Comunidade do Acari, Fanático e neurótico por Jesus”.

Fonte: Costa, 2023, p. 130.

A destruição e substituição de um mural dedicado a Nossa Senhora Aparecida opera uma transição iconográfica emblemática ao sobrepor-se a uma figura central da devoção católica e da identidade religiosa brasileira.

Ao inscrever a frase "ele não precisa de vela", a intervenção constrói uma crítica teológica direta e explícita à práxis devocional católica. O acendimento de velas, ressignificado sob a ótica da narrativa atual, passa a ser lido como um ato obsoleto e desnecessário diante da doutrina evangélica adotada pela facção. Em sequência, a narrativa visual e textual privilegia a figura de Jesus, atribuindo-lhe a exclusividade dos milagres e da autoridade cósmica. A proclamação de que ele é o "único Deus vivo, ele é o santo de Israel" sela essa ruptura, reconfigurando a favela sob a lógica maniqueísta da batalha espiritual. Nesse contexto, a iconografia católica não é meramente removida; ela é demonizada, interpretada como uma oposição vinculada à esfera do mal, enquanto o novo signo reafirma o domínio, a pureza doutrinária e a legitimidade da facção sobre o território.

Para compreender a eficácia dessa mensagem, é importante analisar o mural também a partir da dimensão do signo em si, detendo-se na relação entre os legisignos (as leis

e convenções) e os sinsignos (as materializações singulares). O arranjo visual do mural adota o formato de um pergaminho desenhado sobre o muro e com um versículo bíblico. Este suporte visual não é uma escolha puramente estética; trata-se de um legisigno culturalmente consolidado nos ambientes e nas faixas de evangelização pentecostal. Como apresentado na imagem abaixo, as faixas costumam ser utilizadas em ações de evangelismo — atividade característica do pentecostalismo — onde os fiéis saem às ruas para propagar sua crença. Não se trata apenas de informar, mas de transformar a calçada em uma extensão do templo.

Figura 5



Fonte: Reprodução.

O pergaminho remete, por convenção social e religiosa, às noções de autoridade sagrada e decreto divino. Ao olhar para o pergaminho, um membro da comunidade imediatamente ativa o hábito interpretativo de que o que está escrito ali possui peso de lei espiritual. Ao tentar imitar um pergaminho antigo e marcado pelo tempo, ocorre uma tentativa de iconizar a noção de escrituras antigas, históricas e legítimas.

Nessa inscrição textual ocorre uma fusão entre legisgnos linguísticos e teológicos. A seleção dos atributos específicos contidos na mensagem — o domínio sobre a natureza ("ondas do mar"), a soberania sobre a saúde ("cura qualquer enfermidade") e o monopólio da vida ("espírito da morte") — responde a uma intencionalidade clara: construir a imagem de um protetor absoluto e implacável. Esses versículos e construções textuais operam como legisgnos, onde o sagrado é convocado para validar a força e a invencibilidade.

A relação com o sinsigno manifesta-se na ocorrência física e única deste mural específico na Comunidade do Acari. O sinsigno — o muro pintado em si — materializa a lei geral (o legisigno) por meio de escolhas gráficas particulares: o texto é grafado com uma caligrafia padronizada e uniforme, transmitindo uma ideia de ordem e estabilidade, mas quebra essa homogeneidade ao destacar a expressão "Jesus Cristo" em tamanho e cor diferenciados. Essa variação sinsignificante funciona como um ponto de ancoragem visual e teológica, sublinhando onde reside a centralidade do poder anunciado.

Aprofundando a análise peirceana, a relação entre o signo e o seu objeto revela a cisão entre o que é publicamente encenado e a realidade factual da opressão armada. O objeto imediato do mural — isto é, a forma como o objeto é apresentado pelo próprio signo — localiza-se estritamente na esfera da fé cristã, da exaltação de Jesus Cristo e da promessa de libertação espiritual e cura para os moradores de Acari. Na superfície do signo, o mural se vende como um monumento de adoração religiosa e conforto comunitário.

Contudo, o objeto dinâmico — a realidade factual e independente que determina a produção desse signo — é o domínio territorial coercitivo, a hegemonia militar e a imposição ideológica da facção TCP sobre a favela. E a transição e a conexão entre esses dois níveis ocorrem por meio das teorias de tricotomias.

O mural opera como ícone ao emular visualmente a estética do pergaminho e a linguagem litúrgica, assemelhando-se aos códigos gráficos legítimos das igrejas pentecostais. Ele atua de forma crucial como índice, pois a sua própria existência física e monumental no meio da rua aponta, demarca e sinaliza de forma inequívoca o controle territorial da facção. O mural é um rastro físico do poder das armas: ele só pode existir ali porque foi financiado e autorizado pelo "dono do lugar". A assinatura "Ass: Comunidade do Acari, Fanático e neurótico por Jesus" funciona como um índice forçado de consenso social, sinalizando geograficamente as diretrizes ideológicas que o morador deve seguir se quiser habitar aquele espaço.

Finalmente, o mural consolida-se como símbolo, pois a associação entre as palavras escritas e o poder do tráfico já se tornou uma convenção culturalmente aprendida pelos moradores. A frase "expulsa qualquer tipo de espírito ruim" é um símbolo da batalha espiritual que, no código local, é traduzida pela comunidade (o interpretante) como uma mensagem de guerra contra as facções rivais (como o Comando Vermelho) e contra as religiões de matriz africana ou católica, construindo o símbolo da facção como um exército blindado por um auxílio espiritual exclusivo.

O mural deixa de ser apenas uma imagem estática e passa a atuar como um dispositivo retórico que potencializa a articulação de juízos de valor por parte do receptor, convidando-o a desdobrar o conteúdo em proposições e argumentos. O mural emite uma série de proposições explícitas, de caráter puramente textual, tais como: "Jesus é o único Deus vivo", "O nosso santo não precisa de velas" e "A comunidade de Acari é fanática por Jesus". Essas afirmações buscam estabelecer verdades teológicas inquestionáveis na mente do leitor.

Entretanto, são as proposições implícitas que articulam a dimensão do controle social. A afirmação de que “o nosso santo é forte” e que ele “expulsa o espírito da morte”, sob o patrocínio do tráfico, constrói uma narrativa na qual a facção TCP se apresenta como o braço armado e legítimo desse poder divino. Nesse sentido, a retórica abre margem para que qualquer oposição à facção — seja policial, traficante rival ou praticante de outra religião — seja interpretada como alinhamento ao espírito ruim, o que pode atuar como um mecanismo de validação para a exclusão ou a eliminação física do opositor.

Quando essas diferentes proposições se juntam, elas estruturam um argumento teológico-militar. O argumento funciona como um silogismo: se Jesus Cristo possui o poder absoluto sobre a vida e o território (premissa maior), e se os governantes factuais da comunidade de Acari são os "fanáticos e neuróticos por Jesus" que assinam o mural (premissa menor), logo, o domínio armado do TCP não é um ato de criminalidade comum, mas uma extensão do governo teocrático de Deus sobre aquela comunidade (conclusão). O mural deixa, portanto, de ser uma mera descrição religiosa para se tornar o ponto culminante de uma estratégia semiótica de legitimação do poder originado pela violência: um argumento visual que transforma o controle territorial do narcotráfico em uma missão espiritualizada e inatacável.

Figura 6



Mural com inscrições bíblicas em Acari. Na imagem, o texto diz: “Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará. Salmo 37.5”

Fonte: COSTA, 2023, p. 131.

O texto inserido na composição da Figura 6 estabelece uma demarcação de território que, embora menos explicitamente bélica que o registro anterior, atua de forma cirúrgica na governança da sensibilidade comunitária. Ao inscrever o trecho inspirado no Salmo 37:5, a intervenção constrói uma narrativa teológica baseada na submissão e na recompensa.

A narrativa visual e textual privilegia a soberania divina como uma agência reguladora do cotidiano, atribuindo à entrega incondicional a chave para a resolução de todas as demandas cósmicas e existenciais. A proclamação de que o fiel deve “entregar o seu caminho” sela um pacto, reconfigurando a favela sob a lógica contratualista da Teologia da Prosperidade, que pressupõe retornos positivos na vida terrena como contrapartida à conduta alinhada aos preceitos religiosos — cujos fundamentos foram detalhados no Capítulo 2. Nesse contexto, o espaço público pode deixar de abrigar uma mensagem de conforto; ele é pedagogicamente ocupado por uma doutrina impositiva que vincula a ordem social à obediência espiritual, onde o signo reafirma o domínio disciplinar e a legitimidade da facção sobre o território por meio de um verniz de pacificação religiosa.

A inscrição do texto bíblico sobre o muro preenche o vazio deixado pela crônica ausência estatal na favela. Diante dessa desassistência, a promessa de que “ele tudo fará” apresenta o Deus evangélico como um verdadeiro agente de cuidado, tornando o versículo um

marcador de identificação afetiva: em um cenário de abandono público, a mensagem assegura aos mais desfavorecidos que, embora desassistidos pelo Estado, há um ser superior que pode zelar pelas suas necessidades. O arranjo visual do mural também adota o formato de um rolo de pergaminho desenhado sobre ele, remetendo, por convenção social e religiosa, às noções de ancestralidade, autoridade das escrituras sagradas e tradição do antigo testamento. Ao olhar para esta iconografia, o membro da comunidade pode ativar o mesmo hábito interpretativo de autoridade divina previamente descrito, como acontece na Figura 5.

A inscrição textual da figura 6 apresenta legisgnos linguísticos e teológicos. O texto bíblico selecionado tende a capturar as urgências e as escolhas existenciais de uma população que vive em um território de vulnerabilidade. As palavras-chave "caminho" e "confiança" operam como legisgnos da conduta moral e da submissão exigidas pelo pentecostalismo, onde a entrega absoluta dos princípios e das suas decisões ao "Senhor" é a premissa necessária para que a promessa implícita se cumpra: "ele tudo fará". Esse pacto opera como um mecanismo de controle de conduta, onde o sagrado tem o potencial de cancelar a ordem, a resignação e a invencibilidade diante das adversidades.

A relação com o sinsigno manifesta-se na ocorrência física e única deste mural específico. Ao contrário de outras inscrições mais desgastadas pela ação do tempo, a Figura 6 apresenta um traço mais recente e nítido. Pelos olhos da análise peirceana, o objeto imediato localiza-se na esfera da fé cristã, da exaltação da providência divina e da promessa de amparo e prosperidade para os moradores de Acari, vendendo-se como um monumento de edificação espiritual e pastoreio comunitário. Contudo, o objeto dinâmico permanece sendo o domínio territorial coercitivo, a hegemonia militar e a imposição ideológica da facção TCP sobre a favela.

O mural opera como ícone ao emular visualmente a estética do manuscrito bíblico antigo, assemelhando-se aos códigos gráficos legítimos das igrejas evangélicas que proliferam na comunidade. Ele atua de forma crucial como índice, pois indexa o crescimento do evangelicalismo e a propagação dessa religião operada com o suporte e o financiamento da facção, funcionando como um marcador visível de presença religiosa que sinaliza quem possui o direito de fala naquele espaço urbano.

Finalmente, o mural consolida-se como símbolo, onde a simbolicidade reside em uma função interpretativa. O versículo é um símbolo da aliança entre o poder temporal da facção e o poder espiritual das igrejas. No código local, a promessa de que "ele tudo fará" se coloca capaz de ser traduzida pela comunidade (o interpretante) como uma mensagem de governança teológico-criminal: para os evangélicos, tende a atuar como legitimação de sua fé;

para os traficantes, pode funcionar como o reconhecimento de um domínio territorial que adota o cristianismo como estatuto oficial do território.

O mural emite uma série de proposições explícitas, tais como: "É preciso entregar o caminho ao Senhor", "É preciso confiar nele" e "Deus tudo fará". Entretanto, são as proposições implícitas que podem carregar a carga de controle social. A afirmação contratual de que "ele tudo fará", grafada sob a tutela do tráfico, tem o potencial em implicar que a estabilidade social, a segurança e a prosperidade da comunidade dependem do alinhamento moral dos moradores com a ordem estabelecida. Sob o pretexto do acolhimento, reside uma doutrina impositiva: quem não "entrega o seu caminho" ou quem diverge dessa matriz religiosa está fora do pacto de proteção, legitimando preventivamente a exclusão ou a repressão de dissidências.

Quando essas diferentes proposições se juntam na mente da comunidade, elas são capazes de estruturar um argumento teológico-político que funciona como um silogismo: se a soberania divina é absoluta e exige a entrega total das condutas (premissa maior), e se a facção TCP é a força que financia, emoldura e protege a inscrição dessa palavra sagrada no Complexo de Acari (premissa menor), logo, o ordenamento territorial exercido pelo tráfico é a própria materialização da vontade divina que garante a ordem e a prosperidade na terra (conclusão). O mural transforma-se, portanto, em um argumento visual que constrói uma Comunidade Imaginada onde a submissão ao domínio armado é convertida em um ato de fidelidade espiritual.

4.2.1 CONCLUSÃO SOBRE OS MURAI DE ACARÍ

A análise comparativa entre as duas figuras evidencia uma padronização semiótica, e não manifestações artísticas isoladas. O fato de estes murais, nas áreas dominadas pelo Terceiro Comando Puro (TCP), materializarem repetidamente os mesmos legisgnos configura uma identidade visual normativa do narcotráfico, a qual unifica o discurso de poder em diferentes espaços geográficos.

Ambas as ilustrações são frutos de uma mesma engrenagem em que o tráfico financia artistas locais para ocupar suportes físicos estratégicos, recorrendo à estética do pergaminho. Esse formato visual opera como um legisigno culturalmente consolidado nos

ambientes de evangelização pentecostal, ativando na comunidade o hábito interpretativo de autoridade sagrada e decreto divino imutável.

No decorrer das análises, evidencia-se a cisão entre o que é publicamente encenado e a realidade factual da opressão armada. O objeto imediato de ambos os murais localiza-se estritamente na esfera da fé cristã, da exaltação religiosa e do conforto comunitário. Contudo, o objeto dinâmico comum é o domínio territorial coercitivo, a hegemonia militar e a imposição ideológica da facção TCP sobre a favela.

Ambos os murais atuam de forma crucial como índices, pois a sua própria existência física e monumental no meio da rua aponta, demarca e sinaliza de forma inequívoca o controle territorial da facção, surgindo como rastros físicos do poder das armas que só existem porque foram autorizados pelo "dono do lugar". Como símbolos, ambos traduzem as mensagens textuais em códigos locais de guerra contra facções rivais ou demarcações de um domínio territorial que adota o cristianismo como estatuto oficial.

No nível argumentativo, as duas intervenções utilizam suas proposições implícitas para construir silogismos que justificam o poder originado pela violência. Seja através da vertente bélica (Figura 4) ou da vertente contratual de conduta moral (Figura 6), a conclusão interpretativa que pode ser gerada na mente da comunidade é: o domínio armado e o ordenamento territorial exercidos pelo TCP deixam de ser lidos como criminalidade comum para serem interpretados como uma extensão legítima ou a própria materialização do governo teocrático de Deus sobre o território.

4.3 MURAI DO “PEIXÃO”

A trajetória das intervenções urbanas financiadas pelo Terceiro Comando Puro (TCP) apresenta uma evolução estética que reflete o amadurecimento da estratégia comunicativa da facção. Enquanto nos primeiros murais — como os de Acari — a comunicação visual era pautada por textos e representações clássicas, em pergaminhos, as intervenções mais recentes incorporaram uma linguagem mais jovem e criativa, sem abdicar da mensagem evangélica. Essa nova fase estética ganha contornos particulares com a ascensão de Álvaro Malaquias Santa Rosa, o 'Peixão', cuja gestão no Complexo de Israel reconfigurou as esferas econômicas e políticas sob uma justificativa religiosa que, embora coesa com o legado da facção, marca uma identidade visual própria.

Dando continuidade às dinâmicas de dominação territorial e identificação por meio de símbolos religiosos vistos até aqui, o Terceiro Comando Puro (TCP) se estabelece e fortalece o cenário narco do Rio de Janeiro, assinalando seu avanço e dominação territorial em favelas e periferias com a frase: “Jesus é o dono do lugar!” (Costa, 2023, p. 136)

Nesse cenário, o Terceiro Comando Puro (TCP) consolida sua hegemonia narco-religiosa ao utilizar o espaço público como ferramenta de demarcação. A frase "Jesus é o dono do lugar!" torna-se, portanto, a síntese desse redirecionamento, ressignificando a guerra e o cotidiano da periferia (Costa, 2023).

Figura 7



Foto: Reprodução. Na imagem, o texto diz: “Pelejarão contra ti mas não prevalecerão”.

Fonte: Costa, 2023, p. 136.

O arranjo visual da figura 7 afasta-se da estética tradicional do pergaminho para adotar uma linguagem visual contemporânea, tipográfica e lúdica. O mural apresenta a frase “Pelejarão contra ti mas não prevalecerão”, acompanhada pela ilustração do personagem de animação infantil Peixonauta. A expressão escrita funciona como um legisigno linguístico e teológico que estabelece uma lei de invencibilidade. Embora a grafia exata não esteja presente

nas traduções bíblicas literais — configurando uma adaptação popular inspirada em passagens como Jeremias 1:19 (“não prevalecerão contra ti”) —, sua escolha é intencional: evocar uma promessa de blindagem divina intransponível. Ao ser veiculada pelo TCP, a frase funciona como um argumento que confere legitimidade divina ao domínio territorial e à violência, transformando a disputa em uma batalha espiritual.

A relação com o sinsigno manifesta-se na ocorrência física, única e localizada desta pintura mural nas paredes da comunidade. A forma como este sinsigno materializa o legisigno dá-se por meio de traços estilizados do grafite urbano, utilizando cores vibrantes e uma estética jovem que busca dialogar diretamente com os moradores mais novos. A técnica do grafite retira o peso da solenidade eclesiástica tradicional e insere a mensagem diretamente no fluxo da cultura urbana periférica.

O estudo da relação entre o signo e seu objeto apresenta a incongruência entre a superfície discursiva e a materialidade factual do espaço urbano. O objeto imediato do mural evoca uma atmosfera de amparo celestial, justiça divina e proteção espiritual para a população local frente às adversidades do mundo exterior. Em paralelo, o objeto dinâmico é o domínio territorial armado exercido pelo TCP, a imposição de leis criminais e a guerra geopolítica travada contra facções rivais e contra o Estado.

O mural opera como ícone ao emular com precisão o design do desenho animado infantil "Peixonauta", reproduzindo as formas, o traje espacial e o aspecto simpático do personagem de modo a gerar identificação imediata com o universo lúdico. No entanto, o signo atua de forma crucial como índice: a materialização física desse monumento na rua aponta, demarca e indexa a presença incontestada do tráfico, registrando fisicamente o crescimento da matriz evangélica sob o patrocínio da facção. Finalmente, o signo consolida-se como símbolo a partir de uma convenção cultural rigidamente aprendida no código local: a figura lúdica do peixe de capacete espacial deixa de significar entretenimento infantil e passa a simbolizar o codinome, a onipresença e a autoridade militar do traficante "Peixão".

A intervenção artística também desdobra-se em proposições textuais e visuais para estruturar uma retórica de controle social. O signo emite a proposição explícita de que "haverá guerra contra o receptor da mensagem, mas o inimigo não vencerá". Paralelamente, emite a proposição implícita e visual de que, por estar acompanhada do alter ego gráfico do líder do tráfico, a promessa divina de invencibilidade bíblica foi transferida diretamente como uma procuração espiritual para a facção criminosa e suas lideranças.

Quando essas proposições se fundem no intelecto dos receptores (o interpretante), elas podem viabilizar um argumento teológico-militar de preservação de poder. O argumento

funciona como uma defesa preventiva da violência: se Deus determinou que os inimigos não prevalecerão contra o seu povo eleito, logo, qualquer ação militar da facção rival ou incursão do Estado é interpretada como um ataque ímpio à ordem divina, o que legitima a reação armada do tráfico como um ato de guerra santa e legítima defesa espiritual.

Figura 8



Foto: Reprodução. Na imagem, o texto diz: "Seja bem-vindo a Parada de Lucas. Jesus é o dono do lugar".

Fonte: Costa, 2023, p. 136.

Na figura 8, a união entre a estética jovem e o discurso da Teologia do Domínio é radicalizada. O mural traz os dizeres "Seja bem-vindo à Parada de Lucas. Jesus é o dono do lugar", emoldurado por letras grafitadas e pela repetição da figura do Peixonauta. A frase principal atua como um legisigno institucional que dita a lei máxima de governança do território. A escolha desse enunciado específico transcende a mera expressão de fé religiosa comunitária; trata-se de um dispositivo textual selecionado para estabelecer um título de posse territorial com chancela divina, transformando o espaço público da favela em uma propriedade sob jurisdição teocrática.

De acordo com os mais próximos ao traficante, Álvaro se destaca como um indivíduo "muito inteligente", que "dá visão e direção ao grupo, define estratégias de guerra, tudo sob orientação de Deus".
(COSTA, 2023, p. 137)

Segundo o trecho apresentado, podemos entender que a lógica de representação se constrói da seguinte forma: se o conhecimento comunitário já estabelece que Peixão é o "dono" da favela, e o mural proclama que Jesus é o verdadeiro "dono do lugar", a implicação imediata é a de que o mural legitima Peixão como o representante terreno desse domínio divino. Essa construção opera, portanto, como um argumento que confere uma chancela espiritual à posse territorial exercida pelo traficante.

Como sinsigno, o mural manifesta-se em um muro de grande visibilidade, posicionado estrategicamente na entrada do território de Parada de Lucas. A materialização física desse signo utiliza as convenções visuais grafite comercial urbano, conferindo-lhe uma aparência de "pórtico de entrada" ou sinalização oficial de fronteira. A escolha gráfica das letras estilizadas insere o enunciado dogmático no cotidiano da comunidade sob uma roupagem moderna e acessível, naturalizando a mensagem de controle como se fosse parte da identidade cultural e geográfica da própria localidade.

O objeto imediato apresenta-se como uma mensagem de acolhimento comunitário ("Seja bem-vindo") e submissão piedosa à soberania de Jesus Cristo, vendendo o espaço da favela como um território pacificado, abençoado e governado pelos preceitos cristãos. Contudo, o objeto dinâmico subjacente é a hegemonia militar e a gestão ideológica exercida pelo Peixão, que marca o controle econômico das atividades locais e o estabelecimento de uma barreira geográfica e ideológica intransponível para forças policiais ou facções inimigas.

No nível do interpretante, o mural abre espaço para emitir juízos de valor que moldam a conduta moral dos indivíduos através de proposições explícitas e implícitas. O signo afirma explicitamente que Jesus possui algum tipo de poder na comunidade indicada, afinal ele é o "dono" do lugar. Implicitamente, a justaposição gráfica entre a declaração de propriedade divina e a imagem do Peixonauta — amplamente conhecido como a assinatura visual do chefe do narcotráfico local — emite a proposição de que a gerência prática desse território foi delegada ao líder convertido.

4.3.1 CONCLUSÕES SOBRE OS MURAI DO PEIXÃO

A análise comparativa entre as figuras 8 e 9 revela uma unidade semiótica, caracterizando a transição para uma nova fase da comunicação visual do narcotráfico. A

substituição dos suportes clássicos por grafites de apelo jovem e lúdico aponta para uma sofisticação na engenharia de controle social da facção.

A representação do Peixonauta, ilustrada nas figuras 8 e 9, primeiramente, opera como ícone, na medida em que sua forma gráfica mantém uma relação de semelhança visual direta com o personagem lúdico do universo infantil, o que garante o reconhecimento imediato e a familiaridade por parte do observador.

Contudo, essa representação transcende a semelhança, consolidando-se como símbolo a partir de uma convenção social estabelecida na comunidade: a imagem é apropriada para tornar-se o alter ego do traficante “Peixão”. Esta apropriação não é casual, mas estratégica, transformando um elemento da cultura pop em um emblema da autoridade do líder. Sendo assim, a presença desse signo integrado às frases religiosas, aponta para uma ligação entre o poder carismático do líder e a ideologia narcopentecostal que ele promove.

Portanto, a fusão entre a estética infantil e a simbologia do poder absoluto não é aleatória. Ela reflete a capacidade do TCP em produzir um ethos de hegemonia suave, em que a violência é mascarada pela ludicidade e validada pela espiritualidade, tornando a onipresença do tráfico no cotidiano da favela algo naturalizado e, por vezes, celebrada sob a chancela do divino.

No contexto das favelas dominadas pelo Terceiro Comando Puro (TCP), mais especificamente o Complexo de Israel, a inscrição “Jesus é o dono do lugar” não é apenas um símbolo de crença, mas um índice de poder e soberania. O enunciado funciona como uma escritura teocrática, mediando a relação entre o domínio faccioso e a comunidade. A posse de Jesus, portanto, legitima a autoridade de seu representante terreno — o traficante convertido — redefinindo as leis de propriedade e de governança local, onde o poder espiritual se manifesta como controle econômico e militar.

4.4 MURAL DE PICHANÇA

Figura 9

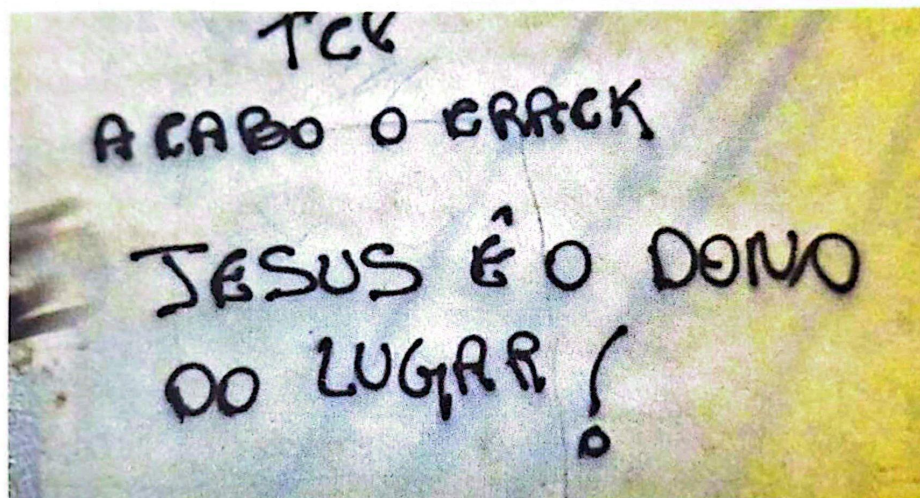


Foto: Viviane Costa. Na imagem, o texto diz: "TCP. Acabou o crack. Jesus é o dono do lugar!"

Fonte: Costa, 2023, p. 141.

A figura 9 apresenta uma ruptura estética significativa em relação aos últimos murais apresentados. Este grafismo, caracterizado como pichação, é um sinsigno que, por sua natureza rudimentar e direta, atua como um índice de poder bruto e de controle territorial imediato, contrastando com a estética lúdica das figuras anteriores.

A pichação abre espaço para um novo momento nessa estratégia semiótica: a passagem de um mural esteticamente institucionalizado para um mural com potencial para a reprodução espontânea do signo. Sua execução, rápida e despojada de adornos artísticos, não busca o convencimento estético, mas a marcação imediata e indubitável da presença faccional. Enquanto o mural artístico funciona como uma fachada institucionalizada do poder, a pichação pode operar como a sua face crua: um índice de que o domínio não necessita mais de mediações para se impor, bastando a simples assinatura da sigla para sinalizar a quem o território pertence.

O texto veiculado — “TCP, acabou o crack, Jesus é o dono do lugar” — sintetiza o discurso narcopentecostal em sua faceta mais pragmática. A menção direta à sigla da facção e a proibição explícita do crack funcionam como um símbolo de soberania, demarcando a autoria da intervenção e a imposição de uma ordem local. Ao apropriar-se de uma causa de forte apelo social, como o combate ao vício, a facção reforça sua moralidade e legitima seu controle sobre o comércio e a vida comunitária.

A frase final, “Jesus é o dono do lugar”, é uma proposição que confere legitimidade a essa lei social imposta pelo tráfico. Com esse enunciado, a facção almeja projetar uma autoridade que transcende a força militar, buscando conferir a seu domínio territorial uma chancela de posse espiritual.

Como interpretante imediato, para um observador externo ou alguém desprovido do conhecimento sobre a realidade do território, o enunciado ainda pode ser lido de forma estritamente religiosa, evocando apenas a soberania divina e o pertencimento comunitário sob a fé cristã. Contudo, essa leitura é tensionada pelos elementos ao redor: a sigla “TCP” e a proibição explícita do crack operam como índices que ancoram o significado na realidade faccional.

Essa última imagem, contudo, abre espaço para uma possível lei no tecido social da comunidade. Observa-se, portanto, que essa imagem aponta para uma possível mudança: em vez de depender exclusivamente de murais monumentais e financiados para a autoafirmação e justificação de sua presença, o mural de pichação pode ser apresentado como uma linguagem que busca a auto-reprodução e a normalização no cotidiano da periferia.

4.5 CONCLUSÃO

A análise realizada neste capítulo permite concluir que as intervenções urbanas nas áreas dominadas pelo Terceiro Comando Puro (TCP) não constituem meras expressões de fé ou elementos estéticos, mas sim uma estratégia semiótica de legitimação de poder e controle territorial. Ao percorrer as três categorias analisadas, foi possível mapear as mudanças predominantes em cada uma das imagens retiradas do cotidiano da favela.

A trajetória observada revela uma transição fundamental: a passagem de uma comunicação visual financiada e planejada pela facção para uma reprodução aparentemente espontânea da mensagem pelo próprio tecido social. Se nos murais de Acari a estética buscava conferir uma autoridade histórica e divina à dominação, as intervenções mais recentes, como as figuras do Peixonauta, ampliaram esse discurso ao mesclar a simbologia religiosa com uma linguagem lúdica e acessível. Esse movimento reflete a construção de uma hegemonia, onde a violência é mascarada pela ludicidade e validada pela espiritualidade.

O desfecho dessa trajetória, evidenciado na pichação, possibilita a marcação sem precedentes do domínio da facção. Com potencial de internalização do discurso, ao ponto de ser reproduzido por indivíduos sem a necessidade de patrocínio externo, é possível que o controle territorial não resida mais apenas na coerção armada ou no mural encomendado.

Portanto, o fenômeno narcopentecostal analisado produz uma realidade onde a divisão entre o poder e o espiritual é dissolvida. Sob a chancela de “Jesus é o dono do lugar”, a facção transforma a gestão territorial em uma missão teocrática. O que começou como uma imposição ideológica na paisagem urbana tornou-se, ao fim do processo, um código comunitário estruturante, no qual o domínio armado e o ordenamento social do território são apresentados não como criminalidade comum, mas como uma extensão da ordem divina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta investigação, reafirma-se que a análise dos murais produzidos pelo Terceiro Comando Puro (TCP) não se restringe à observação de intervenções urbanas isoladas. O que pudemos constatar ao longo deste trabalho é que esses murais e pichações configuram uma estratégia semiótica de legitimação de poder e controle territorial. Longe de serem meros elementos decorativos ou expressões espontâneas de fé, essas intervenções compõem uma gramática de poder que, através da linguagem religiosa, passou a reconfigurar o cotidiano das favelas cariocas e estabelecer os contornos de um projeto de dominação que se pretende absoluto.

Ao decompormos os signos presentes nos cinco murais selecionados, observamos que o fenômeno narcopentecostal não apenas utiliza a estética evangélica, mas a subverte para criar um sistema comunicacional próprio. O que inicialmente parecia ser uma tentativa de adesão a uma doutrina religiosa revelou-se, na prática, uma ferramenta político-teológico. Dessa forma, a semiótica permitiu decodificar a gramática visual dos murais, evidenciando como o repertório sagrado foi mobilizado para conferir sentido à presença armada em territórios marcados pela ausência histórica do Estado.

A trajetória analisada revelou uma diferenciação fundamental na estratégia comunicativa da facção. Nos primórdios das intervenções em Acari, a linguagem era pautada por uma estética institucionalizada, quase monumental, que recorria ao suporte clássico do pergaminho para conferir um peso histórico e litúrgico à mensagem. Tratava-se de uma comunicação que buscava a validação pela semelhança com os códigos das igrejas pentecostais, estabelecendo uma autoridade que parecia vir de fora para dentro, de cima para baixo.

Com a consolidação da facção e a expansão territorial sob a lógica do Complexo de Israel, os murais na localidade apresentaram mudanças estéticas significativas. A ascensão de uma linguagem lúdica, exemplificada pela introdução de figuras como o Peixonauta, demonstrou uma potencialização na engenharia de controle social. Ao fundir o universo infantil com a retórica da batalha espiritual, o TCP projeta uma hegemonia que opera de maneira menos ostensiva. Esse caráter lúdico e metafórico das ilustrações não apenas atenua o peso da violência explícita, mas a mascara, integrando a presença do poder armado ao cenário

da comunidade. Essa fase tem o potencial de se tornar parte do tecido cultural da favela, diluindo as fronteiras entre o que é entretenimento e o que é estatuto de poder.

À medida que a mensagem transcende o mural encomendado e tende a ganhar a circulação pela paisagem urbana — manifestando-se, inclusive, em pichações que se disseminam pelos muros da comunidade —, observa-se que o domínio do território já não se restringe à produção deliberada de símbolos monumentais. Essa disseminação de marcas, independentemente de ser um gesto espontâneo ou uma estratégia de ocupação continuada pelos integrantes da facção, abre espaço para que a sinalização retórica do grupo se torne um elemento constante e onipresente na paisagem.

Nesse território sob ocupação do Terceiro Comando Puro, a apropriação do enunciado “Jesus é o dono do lugar”, termo replicado pela facção, ganha contornos específicos. Os murais espalhados pela paisagem urbana operam como vetores desse contexto, dando indícios sobre a autoridade da facção na comunidade e oferecendo uma justificativa divina para o controle ali exercido.

A pichação crua, despojada de adornos artísticos, atua como um índice da hegemonia desse discurso na paisagem urbana. É importante ressaltar que essa marcação não representa, necessariamente, a vontade uníssona da comunidade — que é, por natureza, um espaço plural composto por vozes diversas e muitas vezes discordantes —, mas pode indicar o controle territorial e imposição do medo, ao se estabelecer como uma voz dominante no espaço público.

Dessa forma, entendemos que o narcopentecostalismo opera a dissolução das divisões clássicas entre o poder temporal e o poder espiritual. A máxima “Jesus é o dono do lugar” sintetiza essa síntese. Ela não deve ser lida apenas sob a ótica da crença individual, mas como um argumento que transforma o controle territorial em uma missão divina.

Ao longo desta jornada investigativa, foi possível notar as limitações deste estudo, que se centrou em uma análise documental e semiótica de registros fotográficos. Futuras pesquisas poderiam ampliar este olhar, incorporando o trabalho de campo presencial, ouvindo os moradores e as lideranças das igrejas locais para entender como esses signos são interpretados em diferentes gerações. Além disso, a comparação com outras facções criminosas ou mesmo com outras religiões que buscam espaço nesses territórios poderia oferecer um panorama ainda mais detalhado da complexidade social que envolve o Rio de Janeiro.

Por fim, este trabalho contribui para os estudos de comunicação ao mapear a eficácia da linguagem visual na construção de um projeto de poder. Sendo assim, a pesquisa contribui para os estudos de comunicação ao mapear a eficácia da linguagem visual na construção de um projeto de poder. A semiótica peirceana evidenciou que o poder, em sua forma mais persistente, não é aquele que se impõe apenas pela força física, mas aquele que pode se infiltrar no dia a dia da comunidade. Nesse sentido, as intervenções transformam muros e paredes em documentos de uma norma que, inscrita na paisagem, sinaliza a presença da facção no território.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Viviane. **Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus**. 1. ed. São Paulo: Objetiva, 2023.
- CUNHA, Christina Vital da. **“Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.15, p.23-46, 2008.
- CUNHA, Christina Vital da. **Religião e criminalidade: traficantes evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 61–93, 2014.
- CUNHA, Christina Vital da. **Oração de traficante: uma etnografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. 432 p.
- CUNHA, Christina Vital da. **Cultura pentecostal em periferias cariocas: grafites e agenciamentos políticos nacionais**. PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 80–108, jan./jun. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353564640_Cultura_pentecostal_em_periferias_cariocas_grafites_e_agenciamentos_politicos_nacionais.
- EDINALDO DO RIO. Jesus, cavaleiro do céu. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OMFcZjMU06E&t=7s>. Acesso em: 2 jul. 2026.
- GUILLEN, Fernando. 7 Montes. [s.l.]: Fernando Guillen, 2009.
- MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teoria da prosperidade**. Novos Estudos, São Paulo, Cebrap, n. 44, 1996.
- MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.
- NICOLAU, Marcos et al. **Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce**. Revista eletrônica temática, v. 6, n. 08, 2010.
- NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2021.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos, 46)
- PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. Porto Alegre, 2016. (Artigo baseado em dissertação defendida na UFRGS).
- QUEIROZ, João. **Semiose segundo C. S. Peirce**. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2009.